

INCLUSÃO DE ESTUDANTES SURDOS AUTISTAS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCACIONAIS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

INCLUSION OF DEAF AUTIST STUDENTS: AN ANALYSIS OF EDUCATIONAL PRACTICES IN BILINGUAL EDUCATION

INCLUSIÓN DE ESTUDIANTES SORDOS AUTISTAS: UN ANÁLISIS DE LAS PRÁCTICAS EDUCATIVAS EN LA EDUCACIÓN BILINGUE

Gláucio Castro Júnior¹

<https://orcid.org/0000-0003-3002-5308>

Universidade de Brasília, UnB, Brasil

librasunb@gmail.com

Gildete da S. Amorim Mendes Francisco²

<https://orcid.org/0000-0001-5185-2092>

Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil

gildeteamorim@gmail.com

Daniela Prometi³

<https://orcid.org/0000-0003-0133-075X>

Universidade de Brasília, UnB, Brasil

danielaprometi@gmail.com

Neemias Gomes Santana⁴

<https://orcid.org/0009-0007-2513-0337>

Universidade de Brasília, UnB, Brasil

miasunb@gmail.com

Jonatã Carriel Barroso⁵

<https://orcid.org/0009-0008-4269-2216>

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil

j-carrielb@hotmail.com

¹ Professor do Magistério Superior do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP do Instituto de Letras - IL da Universidade de Brasília - UnB. Mestre e Doutor em Linguística.

² Professora do Magistério Superior do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - GLC do Instituto de Letras - IL da Universidade Federal Fluminense - UFF. Graduação em Fonoaudiologia. Mestrado em Ciências da Educação e Saúde pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Doutora em Ciências e Biotecnologia pela Universidade Federal Fluminense - UFF.

³ Professora do Magistério Superior do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP do Instituto de Letras - IL da Universidade de Brasília - UnB. Licenciada em Letras-Libras, Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB.

⁴ Professor do Magistério Superior do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP do Instituto de Letras - IL da Universidade de Brasília - UnB. Mestre em Linguística, Análise Crítica do Discurso pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB).

⁵ Mestrando em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Licenciatura Letras-Libras-Língua Portuguesa pela Universidade Estácio de Sá, UNESA, Florianópolis/SC.

Resumo

O artigo explorou reflexões sobre a inclusão e desenvolvimento de estudantes Surdos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando aspectos fundamentais como a educação bilíngue e os critérios de acessibilidade didática. No contexto escolar brasileiro, a inclusão de estudantes Surdos vai além da acessibilidade física, exigindo abordagens pedagógicas adaptadas às suas necessidades específicas. O estudo de caso adotou um método qualitativo, com uma revisão bibliográfica de documentos e artigos sobre experiências educacionais envolvendo estudantes Surdos com TEA. As plataformas Google Acadêmico e SciELO foram utilizadas para a busca de informações. O artigo aborda considerações essenciais para a educação deste público, incluindo a importância da educação bilíngue para o Surdo autista, a necessidade de uma abordagem diferenciada e capacitada para esses estudantes, e os critérios de acessibilidade didática que devem ser atendidos. A análise das dificuldades relacionadas à escassez de pesquisas sobre surdez e TEA revela a carência de materiais didáticos acessíveis e de estratégias pedagógicas eficazes. Com base nos dados coletados, o artigo propõe a ampliação do contexto de pesquisa para um registro mais detalhado de estudantes Surdos autistas na escola, considerando a adaptação curricular, estratégias de ensino e a formação continuada de professores para promover uma educação bilíngue mais inclusiva e eficaz.

Palavras-chaves: Surdos autistas; Acessibilidade didática; Educação bilíngue.

Abstract

The article explored reflections on the inclusion and development of Deaf students with Autism Spectrum Disorder (ASD), highlighting fundamental aspects such as bilingual education and criteria for didactic accessibility. In the Brazilian school context, the inclusion of Deaf students goes beyond physical accessibility, requiring pedagogical approaches adapted to their specific needs. The case study employed a qualitative method, including a literature review of documents and articles on educational experiences involving Deaf students with ASD. The Google Scholar and SciELO platforms were used to search for information. The article addresses essential considerations for educating this group, including the importance of bilingual education for Deaf autistic students, the need for differentiated and specialized approaches for these students, and the criteria for didactic accessibility that must be met. The analysis of difficulties related to the lack of research on deafness and ASD reveals a shortage of accessible teaching materials and effective pedagogical strategies. Based on the collected data, the article proposes expanding the research context for a more detailed record of Deaf autistic students in schools, considering curriculum adaptation, teaching strategies, and ongoing teacher training to promote a more inclusive and effective bilingual education.

Keywords: Autistic deaf people; Didactic accessibility; Bilingual education.

Resumen

El artículo exploró reflexiones sobre la inclusión y desarrollo de estudiantes sordos con Trastorno del Espectro Autista (TEA), destacando aspectos fundamentales como la educación bilingüe y los criterios de accesibilidad didáctica. En el contexto escolar brasileño, la inclusión de alumnos sordos va más allá de la accesibilidad física, exigiendo enfoques pedagógicos adaptados a sus necesidades específicas. El estudio de caso adoptó un método cualitativo, con una revisión bibliográfica de documentos y artículos sobre experiencias educativas que involucran a estudiantes sordos con TEA. Se utilizaron las plataformas Google Académico y SciELO para la búsqueda de información. El artículo aborda consideraciones esenciales para la educación de este grupo, incluyendo la importancia de la educación bilingüe para el sordo autista, la necesidad de un enfoque diferenciado y especializado para estos alumnos, y los criterios de accesibilidad didáctica que deben cumplirse. El análisis de las dificultades relacionadas con la escasez de investigaciones sobre sordera y TEA revela la carencia de materiales didácticos accesibles y de estrategias pedagógicas eficaces. Con base en los datos recogidos, el artículo propone ampliar el contexto de la investigación para un registro más detallado de estudiantes sordos autistas en la escuela, considerando la adaptación curricular, estrategias de enseñanza y la formación continua de los profesores para promover una educación bilingüe más inclusiva y eficaz.

Palabras clave: Personas sordas autistas; Accesibilidad didáctica; Educación bilingüe.

1. Introdução

A educação de estudantes Surdos no Brasil passou por uma trajetória extensa e marcada por desafios e transformações significativas ao longo da história. A inclusão de pessoas Surdas nos sistemas de ensino, por exemplo, tem avançado gradualmente, mas continua sendo uma área que demanda atenção contínua, tanto em termos de acessibilidade quanto em relação às práticas pedagógicas adequadas às necessidades específicas desses estudantes. A educação bilíngue, que envolve o ensino em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua – L1 e em Português escrito como segunda língua – L2, se destaca como uma das abordagens mais adequadas para garantir que os estudantes Surdos tenham um acesso pleno ao conhecimento. No entanto, à medida que a diversidade nas salas de aula aumenta, novas questões emergem, como a necessidade de olhar para a interseção entre surdez e outras deficiências, especialmente o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O estudante Surdo com TEA é uma realidade crescente nas escolas brasileiras. Essa combinação de surdez e autismo traz desafios únicos, tanto para os profissionais de educação quanto para as famílias. As necessidades educacionais desses estudantes requerem adaptações específicas que vão além das práticas comuns voltadas apenas à surdez. Compreender como esses estudantes se desenvolvem no ambiente escolar e identificar as melhores práticas pedagógicas para atendê-los é crucial para promover sua inclusão e garantir o direito à educação de qualidade. Para isso, é fundamental que os profissionais estejam capacitados para lidar com as múltiplas demandas desses estudantes, com um olhar atento à sua identidade Surda com TEA.

Apesar de os debates sobre inclusão escolar terem avançado nas últimas décadas, ainda há uma carência significativa de pesquisas focadas na interseção entre surdez e TEA. Essa lacuna dificulta a compreensão plena das necessidades desses estudantes e compromete o desenvolvimento de materiais didáticos acessíveis e de estratégias pedagógicas eficientes. Além disso, essa escassez de estudos contribui para a falta de orientações claras para os profissionais de educação, que muitas vezes se deparam com dificuldades para atender adequadamente esses estudantes. Nesse contexto, este artigo busca discutir práticas colaborativas entre profissionais da educação e analisar as percepções de professores bilíngues sobre como a biculturalidade e o TEA podem ser abordados de maneira mais inclusiva no ambiente escolar.

O conceito de educação bilíngue para Surdos está amplamente fundamentado na ideia de que os estudantes Surdos devem ser educados tanto na sua língua natural, a Libras, quanto

no Português, que assume o papel de segunda língua. Essa abordagem reconhece a surdez como uma característica cultural e linguística, afastando-se de visões meramente capacitista. No entanto, quando se trata de estudantes que, além de Surdos, apresentam o TEA, é necessário desenvolver estratégias pedagógicas que integrem essa visão bilíngue com as práticas específicas para o atendimento ao autismo. A presença do TEA traz desafios adicionais para o desenvolvimento da comunicação, da interação social e do comportamento, que exigem abordagens pedagógicas especializadas e, muitas vezes, personalizadas. A integração da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) com pictogramas e Libras é uma abordagem essencial na educação de pessoas surdas autistas de suporte nível 3, especialmente as não verbais. Essa combinação amplia possibilidades de comunicação ao unir a valorização da identidade Surda com o suporte visual dos pictogramas, atendendo às especificidades de cada indivíduo. Além disso, promove flexibilidade pedagógica e práticas de ensino adaptadas, respeitando demandas individuais. A colaboração interdisciplinar entre especialistas em Libras, CAA e autismo fortalece a inclusão educacional, oferecendo suporte integral e práticas mais alinhadas aos princípios da educação inclusiva. Este estudo de caso qualitativo busca trazer à luz a experiência de uma criança surda autista, documentando seu contexto familiar e educacional e propondo reflexões sobre as potencialidades desses estudantes. A partir de entrevistas com professores, familiares e profissionais envolvidos no processo educacional, o estudo oferece uma análise detalhada de como as práticas colaborativas podem contribuir para uma educação mais inclusiva. Além disso, o artigo procura evidenciar a importância da formação continuada dos professores, apontando para a necessidade de programas de capacitação que contemplem as especificidades da educação de Surdos com TEA.

A inclusão escolar de estudantes com deficiência, incluindo aqueles que apresentam múltiplas deficiências, como a surdez e o autismo, é um direito garantido pela legislação brasileira. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva são exemplos de normativas que visam assegurar o acesso e a permanência de estudantes com deficiência nas escolas regulares. Contudo, para que essas leis sejam efetivamente implementadas, é necessário um esforço conjunto que envolva a criação de políticas públicas específicas, a formação adequada de profissionais da educação e o desenvolvimento de materiais e práticas pedagógicas acessíveis. Nesse sentido, a pesquisa proposta busca também propor diretrizes para a ampliação do contexto de pesquisa sobre estudantes Surdos com TEA, enfatizando a importância de registrar de forma mais detalhada suas especificidades no ambiente escolar.

A escolha de utilizar um estudo de caso qualitativo foi motivada pela possibilidade de explorar em profundidade a experiência de uma criança surda autista e compreender como essa interseção entre surdez e autismo se manifesta no contexto escolar e familiar. A metodologia qualitativa permite uma análise mais rica e detalhada das narrativas dos envolvidos, proporcionando uma visão holística do desenvolvimento e das necessidades do estudante em questão. Além disso, a utilização de entrevistas com professores bilíngues e profissionais da educação busca trazer à tona reflexões sobre a prática pedagógica e os desafios enfrentados no dia a dia escolar.

A partir da análise dos dados coletados de pesquisas bibliográficas, o artigo propõe a ampliação do contexto de pesquisa sobre surdez e TEA, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de uma educação bilíngue mais inclusiva para este segmento. Isso inclui a adaptação curricular e a implementação de estratégias de ensino que contemplem as especificidades desses estudantes, considerando tanto a sua identidade Surda quanto as demandas trazidas pelo TEA. A formação continuada dos professores emerge como um elemento central nesse processo, sendo apontada como fundamental para a construção de uma prática pedagógica que responda às necessidades dos estudantes Surdos com TEA.

Ao promover um diálogo entre diferentes profissionais da educação e pesquisadores, este artigo busca oferecer uma contribuição significativa para o campo da educação inclusiva. A análise das práticas colaborativas e das reflexões dos professores bilíngues pode servir como base para a formulação de políticas públicas e a criação de programas de capacitação que efetivamente atendam às demandas dos estudantes Surdos autistas. Em última instância, o artigo pretende quebrar paradigmas sobre as potencialidades desses estudantes e destacar a importância de um olhar diferenciado e capacitado por parte dos profissionais de educação, a fim de promover uma inclusão escolar plena e de qualidade.

A inclusão da educação bilíngue de Surdos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) foi um passo fundamental para assegurar os direitos educacionais dessa comunidade. Com as alterações introduzidas pela Lei nº 14.191, de 2021, a LDB passou a reconhecer a necessidade de um modelo educacional bilíngue para estudantes Surdos. A lei estabelece que o ensino para Surdos deve ser ofertado prioritariamente em escolas bilíngues ou em classes bilíngues, garantindo a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e o português escrito como segunda língua. Essa inclusão na LDB reforça o compromisso do Estado com a oferta de uma educação que respeite as especificidades linguísticas e culturais dos Surdos, assegurando um processo de ensino mais equitativo e inclusivo.

Dessa forma, esta pesquisa se coloca como um passo importante na construção de uma educação mais justa e equitativa para todos os estudantes, independentemente de suas características ou deficiências. A inclusão de estudantes Surdos com TEA nas escolas brasileiras exige não apenas o cumprimento de normativas legais, mas também um compromisso por parte de todos os atores envolvidos no processo educacional para garantir que esses estudantes recebam o apoio e as oportunidades de que precisam para se desenvolver e alcançar seu pleno potencial.

2. Grupos de Surdos no Brasil e o Surdo Autista

O pesquisador Surdo Castro Júnior (2011, p. 25) organizou um mapeamento dos diversos grupos de Surdos no Brasil, conforme mostrado no quadro abaixo. O quadro elaborado por Castro destaca as diferentes manifestações linguísticas de cada grupo de Surdos, registrando também como se dá o uso da língua, ou seja, a "manifestação" dos Surdos em cada contexto.

Tabela 01

Grupos de Surdos no Brasil

GRUPO DE SURDOS	LÍNGUA	IDENTIDADE	MANIFESTAÇÕES PRINCIPAIS
Surdos-Libras	Libras	Cultura Surda	Se manifestam através dos artefatos culturais que possibilitam interações e a comunicação através da Libras.
Surdos oralizados	Língua Portuguesa	Não dependem da Libras para sua comunicação	Se manifesta na cultura majoritária através da comunicação na Língua Portuguesa.
Surdos implantados	Língua Portuguesa	Dependem da língua oral para sua comunicação	Transita muito bem através das manifestações na língua oral.
Surdos bilíngues	Libras / Língua Portuguesa	Cultura Surda	Transita muito bem e sabe articular as duas línguas muito bem.
Surdo pós-lingual	Língua Portuguesa	Cultura não-surda	São as pessoas que ouviram durante um bom tempo e depois tiveram perda da audição, não dependendo da Libras para se comunicar.

Surdos indígenas	Língua de Sinais Indígena / Língua Portuguesa Geralmente se usa a Libras para possibilitar o desenvolvimento da Língua indígena/originária	Cultura Surda de Povos Originários	A cultura indígena é mais forte, mas os Surdos indígenas apresentam particularidades em que as manifestações visuais que advêm de um Surdo possibilitam as interações visuais, as orações indígenas em língua de sinais.
Surdos imigrantes	Língua de sinais do país de origem + língua de sinais do país para onde imigrou	Cultura Surda	As manifestações culturais passam por uma resignificação para a construção da sua identidade na perspectiva de assimilação da visão de mundo em uma nova Comunidade Linguística.

Fonte: Elaborado por Castro Júnior (2011) e ampliado por Santana (2024).

Os Surdos há muito relatam sua própria linguagem e cultura, oferecendo uma perspectiva que contrasta radicalmente com as representações feitas por não-surdos. Tradicionalmente, esses relatos estão presentes na chamada "imprensa silenciosa" – em peças e poemas escritos por membros da Comunidade Surda e expressos em Libras ou, às vezes, em português. Nessas narrativas culturais, os Surdos demonstram orgulho de sua identidade, de sua língua e de sua cultura, além de manifestarem indignação pelas injustiças sofridas no mundo dos ouvintes (Lane, 1997, p. 67).

Como mostrado até aqui, a Comunidade Surda brasileira é diversa, com diferentes saberes, perspectivas e concepções de mundo, além de apresentar choques discursivos e pontos de vista variados. Contudo, essa diversidade não impede a integração entre Surdos e ouvintes. Tanto os Surdos quanto seus familiares, intérpretes de língua de sinais e professores de Libras desempenham papéis importantes na promoção da visibilidade linguística e cultural dos Surdos em todas as esferas sociais.

Esta pesquisa, permite ampliar o quadro apresentado por Castro Júnior (2011) ao incluir um grupo adicional de Surdos no Brasil: os Surdos autistas. Esse grupo abrange indivíduos com Transtorno do Espectro Autista e um nível de surdez que pode variar de leve a severo. Dado que a pesquisa nesta área é recente e a quantidade de Surdos diagnosticados ainda é limitada, torna-se desafiador descrever de forma detalhada a Cultura específica desses sujeitos. No entanto, precisamos ampliar os dados de que a criança Surda autista se insere na cultura Surda, uma vez que a comunicação delas é mais eficaz quando são utilizados sinais em Libras,

objetos, animais e artefatos culturais. Em várias ocasiões, a criança demonstrou interesse ao observar outras crianças com aparelhos auditivos ou se comunicando em Libras.

A Cultura Surda é a maneira como o Surdo compreende e modifica o mundo para torná-lo habitável e acessível às suas percepções visuais, influenciando a definição das identidades surdas e as "almas" das comunidades Surdas (Strobel, 2009 p. 30). Essa cultura abrange a língua, as ideias, as crenças, os hábitos e os costumes do povo Surdo. Conforme relatado pela pesquisadora Surda:

As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, moldando-se de acordo com a receptividade cultural do sujeito. Dentro dessa receptividade, também emerge a luta política ou consciência oposicional, através da qual o indivíduo se representa, defende-se da homogeneização, dos aspectos que tornam o corpo menos habitável, da sensação de invalidez, da inclusão entre os deficientes e da menor valia social (Perlin, 2004, p. 77-78).

Os Surdos autistas representam um grupo particularmente complexo e diversificado dentro da comunidade Surda, exigindo uma análise cuidadosa de suas características linguísticas, identitárias e manifestativas. Na esfera da língua, os Surdos autistas podem enfrentar desafios únicos no desenvolvimento e uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). A combinação de surdez e autismo pode influenciar a maneira como essas pessoas adquirem e utilizam a língua, variando desde dificuldades na compreensão e expressão até o desenvolvimento de formas próprias de comunicação. Em muitos casos, adaptações na metodologia de ensino são necessárias para atender às necessidades específicas desses sujeitos, garantindo que a Libras se torne um meio efetivo de comunicação e expressão.

No que diz respeito à identidade, os Surdos autistas frequentemente enfrentam a interseção de duas identidades significativas: a surdez e o autismo. Essa interseção pode levar a uma construção de identidade multifacetada, onde aspectos da cultura Surda e das experiências associadas ao autismo se entrelaçam e influenciam a autoimagem e a percepção social desses sujeitos. A identidade Surda autista é, portanto, uma combinação complexa que reflete tanto a adesão à cultura Surda quanto o reconhecimento e a aceitação das características associadas ao espectro autista.

As manifestações principais dos Surdos autistas podem variar amplamente e englobam aspectos como a comunicação, a socialização e as preferências sensoriais. Em termos de comunicação, pode haver uma preferência por métodos visuais ou táteis, além de uma possível dificuldade em interpretar e responder a sinais sociais e emocionais típicos. A socialização pode ser impactada por padrões de comportamento repetitivos ou interesses restritos, que podem

influenciar a maneira como esses sujeitos interagem com os outros. Além disso, as preferências sensoriais podem resultar em uma maior sensibilidade ou resistência a estímulos sensoriais específicos, afetando a forma como eles experimentam o ambiente ao seu redor.

Compreender as características e as necessidades educacionais dos Surdos autistas é crucial para o desenvolvimento de estratégias educacionais e de suporte adequadas. A criação de ambientes inclusivos e adaptados, que considerem tanto a surdez quanto o autismo, pode facilitar uma comunicação mais eficaz e promover uma maior integração social. É fundamental que as práticas educacionais e os serviços de apoio sejam ajustados para atender a essa diversidade, garantindo que os Surdos autistas possam explorar plenamente suas potencialidades e participar ativamente da vida social e educacional.

Nesse contexto, a língua de sinais se destaca como um meio de comunicação essencial, permitindo ao Surdo interagir e compartilhar significados de forma plena e acessível. Ela oferece uma zona de conforto ao Surdo e possibilita a expressão de um mundo de significados de maneira completa. Strobel (2009) explora a cultura Surda e enfatiza como a língua de sinais serve como um artefato de resistência e materialização cultural.

Quando analisamos a percepção da surdez na sociedade não-surda, observamos que frequentemente ela é estigmatizada. Goffman (1963) distingue três tipos de estigma: físico, psicológico e social. Esses estigmas se dividem em categorias específicas: Estigma de traços de personalidade: refere-se à percepção negativa de características morais ou psicológicas, como vícios ou desonestidade. Exemplos incluem dependentes químicos ou delinquentes. Estigma físico: diz respeito à percepção negativa de atributos corporais ou aparência física, como deformidades ou deficiências. Exemplos são pessoas com nanismo ou cegueira. Estigma de identidade coletiva: refere-se à percepção negativa associada à pertença a um grupo social específico, como raça ou orientação sexual. Exemplos incluem pessoas negras ou homossexuais (Goffman, 1963, p. 14).

Essas categorias de estigma também são aplicadas aos Surdos, que frequentemente são vistos através da lente da deficiência física, levando a preconceitos sobre suas capacidades cognitivas e comportamentais. Além disso, a sociedade ouvinte pode considerar os Surdos como membros de uma comunidade específica, reforçando o estigma associado à sua identidade.

Quando se trata da biculturalidade e da condição de Surdo autista, a complexidade aumenta. A biculturalidade dos Surdos envolve a integração de duas culturas: a Surda e a ouvinte. Para os Surdos autistas, essa integração é ainda mais desafiadora, pois eles navegam

simultaneamente entre as normas e práticas da cultura Surda e as especificidades do autismo, que podem influenciar suas formas de comunicação e interação social.

O estigma enfrentado por Surdos autistas pode ser exacerbado pela combinação de preconceitos relacionados tanto à surdez quanto ao autismo. Assim, é essencial compreender a experiência desses sujeitos através da lente da biculturalidade, reconhecendo suas identidades multifacetadas e promovendo uma abordagem mais inclusiva e informada no apoio e na educação desses Surdos.

3. Surdez e Autismo no Brasil

A surdez é um distúrbio que pode afetar pessoas de todas as idades. Algumas crianças nascem com perdas auditivas que variam em intensidade e grau, e a diminuição da audição é comum em pessoas idosas. De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, representando 5,1% da população. Deste total, aproximadamente 2 milhões têm deficiência auditiva severa (1,7 milhões enfrentam grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil são Surdos), enquanto 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva. Academias de Audiologia, Otorrinolaringologia e Pediatria estimam que cerca de 0,1% das crianças no mundo nasçam com deficiência auditiva severa e profunda. Nas crianças até dois anos, a surdez pode ser causada por meningite bacteriana ou viral (principal causa de surdez no Brasil, segundo o Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES), trauma na cabeça, medicação ototóxica, infecção persistente no ouvido, ou surdez congênita.

O termo “autismo” deriva do grego "autos", que significa "si mesmo". Segundo Bosa e Baptista (2002), o termo foi emprestado de Bleuler. O Dr. Leo Kanner foi o primeiro a utilizar o termo "autismo" em 1943. Kanner, um psiquiatra infantil americano, observou um grupo de crianças que se destacava por duas características principais: a dificuldade em estabelecer relações normais e a reação atípica às situações desde o início da vida. Kanner (1943) destacou que o sintoma fundamental, o “isolamento autístico”, estava presente desde o início da vida, sugerindo um distúrbio inato.

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-IV), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (2002), o transtorno autista é definido pela presença de um desenvolvimento comprometido ou anormal da interação social e da comunicação, além de um repertório restrito de atividades e interesses. As manifestações do

transtorno podem variar amplamente, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade do sujeito.

De acordo com Bosa e Baptista (2002), crianças autistas enfrentam dificuldades significativas em estabelecer relações interpessoais típicas, além de apresentarem atrasos no desenvolvimento da linguagem. Mesmo quando essa habilidade é adquirida, a comunicação costuma ser limitada e apresenta características peculiares. Essas crianças podem apresentar estereótipos gestuais, necessidade de manter seu ambiente inalterado, e demonstrar uma memória frequentemente notável.

A compreensão dos transtornos autistas e da surdez no Brasil revela a complexidade e a diversidade das condições que afetam uma parcela significativa da população. A surdez pode variar de leve a severa e afeta sujeitos em diferentes idades e contextos, enquanto o autismo é uma condição que se manifesta com uma ampla gama de sintomas e gravidade. O aumento na conscientização e na pesquisa sobre o autismo tem trazido à tona novas estimativas e compreensões, refletindo um panorama em evolução sobre a prevalência e o impacto desses transtornos. A integração de dados epidemiológicos e clínicos, como os fornecidos pelo IBGE e o Ministério da Saúde, ajuda a construir uma imagem mais precisa das necessidades e desafios enfrentados por sujeitos autistas e Surdos, destacando a importância de estratégias de intervenção e suporte adequadas.

Embora o diagnóstico e a intervenção precoce sejam essenciais para o desenvolvimento e o bem-estar de crianças com surdez e autismo, há uma necessidade contínua de aumentar o conhecimento e a formação dos profissionais de saúde e educação. A definição e a compreensão do autismo, desde suas origens até as atuais classificações e diagnósticos, são cruciais para a implementação de políticas públicas e práticas educacionais eficazes. A promoção de uma abordagem inclusiva pode contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida e da inclusão social de pessoas com surdez e autismo, garantindo que essas condições sejam abordadas com a sensibilidade e a eficácia indispensáveis para atender às suas necessidades específicas.

4. Procedimentos Metodológico da Pesquisa

O objetivo deste estudo foi investigar e analisar as informações sobre a surdez e o autismo no Brasil, com um foco particular no processo educacional. A pesquisa visa oferecer conhecimentos detalhados e atualizados que possam contribuir para a implementação de práticas educacionais mais eficazes para estudantes Surdos autistas.

A análise busca fornecer subsídios para futuras pesquisas e desenvolver estratégias que garantam um atendimento adequado, promovendo o pleno desenvolvimento e a inclusão desses estudantes no ambiente escolar. Ao abordar as complexidades e necessidades específicas dessa população, o estudo pretende apoiar a criação de políticas e práticas educacionais que atendam de maneira eficiente às demandas dos estudantes Surdos autistas, assegurando uma educação mais inclusiva e organizada e estruturada de forma a atender as especificidades.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram delineados para proporcionar uma análise abrangente da surdez e do autismo no contexto educacional brasileiro, com foco específico nas práticas educacionais para estudantes Surdos autistas.

A abordagem metodológica incluiu a realização de um estudo de caso e a análise de dados secundários para obter uma compreensão detalhada das práticas educacionais e dos desafios enfrentados por esses estudantes. Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender as interações dentro de um contexto social específico. Segundo Godoy (1995), esse tipo de estudo se concentra na análise detalhada de um ambiente, sujeito ou situação.

A coleta de dados foi realizada por meio de uma busca sistemática no Google Acadêmico e SciELO, as plataformas são confiáveis para a consulta de artigos científicos e materiais acadêmicos. Foram estabelecidos critérios de seleção para garantir a relevância e a qualidade das fontes: priorizaram-se estudos que abordassem práticas educacionais específicas para estudantes Surdos autistas, bem como outros dados pertinentes que pudessem fornecer informações sobre abordagens educacionais inclusivas e adaptadas a essas condições. A partir dessa busca, foram coletados materiais relacionados às práticas educacionais e outros dados relevantes para a análise da temática. Na tabela 02, apresenta os estudos que retratam pesquisas sobre práticas educacionais para estudantes Surdos autistas e são bem recentes.

Tabela 02

Pesquisas sobre práticas educacionais para estudantes Surdos autistas.

Tema	Autor	Tipo de publicação	Ano
Senso de autoeficácia de professores de alunos com autismo Surdos em escolas bilíngues	Raquel Aparecida Lopes Cibelle Albuquerque de La Higuera Amato Maria Cecília de Moura Adriana de Fátima Ribeiro	Artigo	2021
Perfil de professores de alunos Surdos com autismo em espaços escolares bilíngues	Raquel Aparecida Lopes Carine Gurungde Matos	Artigo	2023
Artes manuais como metodologia para o desenvolvimento do Surdo autista na cidade de Fortaleza - CE	Clecia Rosas Brito Bastos	Artigo	2024

Fonte: Elaborados pelos autores.

Os dados coletados foram analisados qualitativamente, utilizando técnicas de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), para identificar padrões relacionados à abordagem educacional de estudantes surdos autistas. A análise buscou entender os seguintes temas: i) Considerações sobre o Surdo Autista no Contexto Escolar, ii) O autismo e a perspectiva da Educação bilíngue, iii) A importância de pensar a proposta da educação bilíngue para o Surdo autista e iv) Critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista de modo a refletir como as práticas educacionais influenciam o desenvolvimento e a inclusão dos estudantes Surdos autistas. Os resultados foram comparados com as melhores práticas descritas na literatura e com as diretrizes educacionais específicas para essa população.

Com base na análise dos dados apresentados, foram elaboradas reflexões sobre as práticas educacionais mais eficazes para a inclusão de estudantes Surdos autistas. A pesquisa também gerou recomendações para aprimorar a formação de professores, adequar os materiais didáticos e otimizar as estratégias de ensino. As recomendações visam promover um ambiente educacional mais inclusivo e acessível, apoiando o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes Surdos autistas.

Este enfoque metodológico forneceu uma base sólida para a implementação de melhorias no processo educacional e contribuiu para reflexões sobre a biculturalidade e o Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordando como os professores bilíngues percebem e lidam com esses aspectos no ambiente escolar. Segue a apresentação das reflexões de nossa pesquisa:

i) Considerações sobre o Surdo Autista no Contexto Escolar

A falta de qualificação profissional para o diagnóstico e atendimento de crianças Surdas autistas impacta significativamente a escola ao receber esses estudantes. Segundo Santos (2008), a escola muitas vezes se depara com uma criança que enfrenta dificuldades em relacionar-se, seguir regras sociais e adaptar-se ao novo ambiente.

Esses comportamentos são frequentemente interpretados como falta de educação ou limites, e a falta de conhecimento impede que alguns profissionais da educação reconheçam as características de autistas, especialmente aqueles com alto funcionamento e baixo comprometimento. A falta de formação adequada e de bibliografia apropriada agrava a situação, dificultando o acesso à informação relevante.

A escola tem um papel essencial e insubstituível no desenvolvimento de crianças com deficiências. Para cumprir sua missão de expandir o saber universal, deve estar preparada para lidar com as singularidades na construção desse conhecimento. Assim, a escola deve adotar estratégias para que estudantes Surdos e autistas possam desenvolver habilidades e capacidades para interagir, integrar-se e superar dificuldades de aprendizagem.

Gauderer (1987) observa que crianças autistas geralmente enfrentam dificuldades com a linguagem, mas programas intensivos podem resultar em melhorias nas habilidades linguísticas, motoras e sociais. Dado que a aprendizagem de crianças autistas é geralmente lenta e gradativa, cabe ao professor e à escola ajustar o sistema de comunicação a cada estudante. O ensino é o objetivo principal desse trabalho, e a persistência e sensibilização dos envolvidos são cruciais.

O Surdo autista enfrenta duas realidades no sistema educacional: a surdez e a deficiência intelectual associada ao autismo. Esses dois diagnósticos podem se confundir e passar despercebidos.

O Censo Escolar 2010 (MEC/INEP) não apresenta dados específicos sobre o número de crianças surdas autistas no Distrito Federal, e os dados são frequentemente agrupados sob a categoria de Deficiências Múltiplas (DEMU). O Censo Escolar 2015 revelou o número de matrículas na educação especial, mas sem detalhes sobre as necessidades específicas dos estudantes. Em 2010, o número de Surdos matriculados na educação especial aumentou de 28% em 2003 para 69%, com um crescimento de 929,8%. No Distrito Federal, 4.649 matrículas na educação especial incluem 1.485 estudantes diagnosticados com Transtorno Global de Desenvolvimento, com 529 em classes especiais, 365 em Centros de Ensino Especial e 591 em

classes comuns, ou seja, na inclusão. No entanto, ainda não há informações concretas sobre a distinção de prioridades dentro das escolas.

ii) O autismo e a perspectiva da Educação bilíngue

O objetivo principal ao ensinar crianças com surdez e autismo é facilitar a interação e comunicação com pais, professores, cuidadores e colegas. Crianças autistas bilíngues requerem programas altamente especializados, que devem incluir abordagens de educação especial e métodos para o desenvolvimento das línguas L1 e L2 (Cloud, 1988).

Carrisquillo (1990) destaca que para oferecer um contexto educacional adequado aos estudantes com deficiências distintas, os professores precisam de uma base sólida em Educação Bilíngue e Educação Especial. Portanto, as filosofias e métodos de ensino para crianças Surdas autistas devem incorporar estratégias específicas, como agendamento prévio de atividades, implementação de currículos e técnicas de avaliação organizadas de acordo com as especificidades dessas crianças, abordagens eficazes para lidar com comportamentos e colaboração com pais e outros profissionais.

A defesa da Educação Bilíngue tem uma longa história marcada por muitas lutas em favor da língua de sinais e da qualidade educacional. O processo educacional inclusivo começou com a Declaração de Salamanca em 1994, que estabeleceu, entre outros objetivos, a inserção de estudantes com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino. O artigo 21 da lei prevê que, devido às dificuldades de comunicação, os estudantes surdos devem ser educados em escolas especiais ou em classes especiais dentro de escolas regulares.

Reconhecendo a demanda da Comunidade Surda e a necessidade de considerar múltiplos modelos educacionais, o Plano Nacional de Educação (PNE) incorporou a proposta da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). O relatório do PNE inclui o compromisso de garantir educação bilíngue, com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e a modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, para estudantes surdos e com deficiência auditiva de 0 a 17 anos. Esse compromisso está alinhado com o art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e com os arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, além da adoção do Sistema Braille para cegos e Surdocegos (Brasil, 2010).

Diversas propostas já haviam sido criadas para a inclusão de estudantes Surdos, mas é claro que a inclusão vai além da acessibilidade física e dos recursos pedagógicos; é essencial tornar a linguagem acessível como meio de comunicação entre o surdo e todos os envolvidos

no processo educacional. O Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos (PNAES/MEC/FENEIS) de 2001 implementou várias ações para promover a singularidade linguística do estudante surdo e expandir a Língua Brasileira de Sinais em todo o Brasil.

Essa proposta bilíngue visa assegurar o direito da pessoa Surda de ser educada em sua língua. Segundo o Decreto nº 5.626/2005, as classes de educação bilíngue utilizam a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa como línguas de instrução ao longo do processo educativo. Essa mudança é uma resposta às reivindicações que reconhecem a língua de sinais como a primeira língua (L1) e o Português como a segunda língua (L2).

iii) A importância de pensar a proposta da educação bilíngue para o Surdo autista

O que foi apresentado no tópico anterior evidencia a necessidade de adotar a proposta bilíngue para Surdos autistas, conforme regulamentado pelo Decreto nº 5.626/2005. Esse decreto reconhece a Língua de Sinais como L1 e a Língua Portuguesa como L2 para este público, o que não apenas afirma o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua materna, mas também assegura uma educação adaptada às suas necessidades específicas. Essa abordagem bilíngue amplia as oportunidades educacionais e proporciona um aprendizado mais adequado às particularidades dos surdos autistas.

As instituições educacionais frequentemente apontam a formação dos professores como uma das principais dificuldades no sistema de inclusão, destacando a falta de preparo desses profissionais. No entanto, Skliar (2006, p. 31) oferece uma perspectiva crítica sobre o conceito de “estar preparado”:

Afirma-se que a escola e os professores não estão preparados para receber os ‘estranhos’ ou os ‘anormais’ nas aulas. No entanto, essa afirmação não é completamente verdadeira. A meu ver, ainda não há um consenso claro sobre o que significa realmente ‘estar preparado’ e sobre como a formação deve ser pensada em relação às políticas de inclusão propostas globalmente (Skliar, 2006, p. 31).

Diante do exposto, a profissão de professor exige grande versatilidade e autonomia na elaboração de planos pedagógicos adequados a diferentes condições, o que vai além de uma simples formação acadêmica, demandando também uma formação profissional prática (Rodrigues, 2010, p. 6). A formação de professores para lidar com necessidades educacionais especiais deve enfatizar as potencialidades dos estudantes e o esforço para compreendê-los. Vitalino e Manzini (2010, p. 53) afirmam que a formação docente deve incorporar a prática

educativa, pois a ação do professor ocorre no contexto escolar, e deve adotar uma perspectiva humanizadora, reconhecendo a singularidade de cada estudante.

No que diz respeito à inclusão de estudantes Surdos em escolas regulares, diversos autores (Lacerda e Lodi, 2006; Machado, 2008; Botelho, 2002; Tavares e Carvalho, 2010) observam que a inserção acadêmica e social desses estudantes ainda apresenta falhas. Identificam-se fatores como a necessidade de capacitação dos professores e o desconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como obstáculos significativos. A preparação da escola para receber esses estudantes é igualmente importante para um processo educacional eficaz. Segundo a professora entrevistada, a Escola Classe 01 de Planaltina enfrenta desafios, como espaços inadequados e atividades insuficientes. A escola deve desenvolver estratégias para melhorar as relações internas e garantir uma educação de qualidade para estudantes surdos autistas. Conforme Lacerda e Lodi (2006, p. 163), o modelo educacional inclusivo visa substituir o antigo modelo de educação especial, que muitas vezes promovia estigmatização e discriminação, defendendo uma filosofia de solidariedade e respeito às diferenças individuais e enfatizando a importância da convivência com as diversidades. Portanto, é essencial criar um ambiente que ofereça atividades adequadas às potencialidades dos estudantes e promova o diálogo entre todos os envolvidos.

A proposta de educação bilíngue para o Surdo autista é crucial para o respeito e valorização da identidade linguística e cultural do estudante. Ao integrar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa em sua educação, é possível reconhecer e afirmar a língua de sinais como um meio legítimo e natural de comunicação para o surdo, ao mesmo tempo em que se proporciona acesso ao Português para facilitar a integração social e acadêmica. Para o surdo autista, que pode ter uma forma única de entender e interagir com o mundo, essa abordagem bilíngue não apenas respeita sua identidade cultural, mas também promove uma educação que considera suas necessidades específicas e preferências comunicativas, essencial para o seu desenvolvimento integral.

A educação bilíngue oferece uma base sólida para o desenvolvimento cognitivo e comunicativo do Surdo autista. A utilização de Libras e Português permite ao estudante acessar conteúdos educacionais de forma mais completa e eficaz, adaptando-se às suas capacidades e estilos de aprendizado. Essa abordagem bilíngue pode facilitar o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais, já que a exposição a duas línguas e modos de comunicação pode melhorar a flexibilidade mental e a capacidade de resolver problemas. Além disso, estratégias bilíngues podem ajudar a reduzir comportamentos desafiadores e dificuldades de

concentração, oferecendo métodos de ensino mais eficazes e personalizados que atendem às suas necessidades específicas.

A educação bilíngue promove a inclusão social do Surdo autista, garantindo que ele tenha acesso a um currículo abrangente e à participação plena na comunidade escolar. Ao permitir que o estudante se comunique em Libras com professores e colegas e também desenvolva habilidades em Português, a proposta bilíngue facilita sua inclusão, participação nas atividades acadêmicas e sociais. Isso não só contribui para seu sucesso escolar, mas também prepara o estudante para uma participação mais ativa e autônoma na sociedade. A educação bilíngue, portanto, não só atende às necessidades educacionais do surdo autista, mas também promove uma maior inclusão e equidade, criando um ambiente educacional mais acessível e enriquecedor.

iv) Critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista

Os critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista devem considerar tanto a surdez quanto as características específicas do autismo, garantindo um ambiente educacional inclusivo e adaptado às suas necessidades. É fundamental que os materiais didáticos sejam disponibilizados em formatos acessíveis, como livros com ilustrações visuais e vídeos com legendas ou em Libras, para facilitar a compreensão do conteúdo. Além disso, as atividades pedagógicas devem ser estruturadas de forma a oferecer suporte visual e tátil, minimizando a sobrecarga sensorial e proporcionando um espaço que permita o estudante a se concentrar e participar ativamente.

Além das adaptações materiais, a metodologia de ensino deve incorporar estratégias que atendam às características únicas do Surdo autista. Isso inclui a implementação de rotinas claras e previsíveis, que ajudam a reduzir a ansiedade e facilitar a adaptação ao ambiente escolar. Técnicas de ensino individualizadas e o uso de reforços positivos são importantes para motivar e apoiar o estudante no processo de aprendizagem. A colaboração entre professores, terapeutas e familiares é crucial para desenvolver e ajustar estratégias que melhor atendam às necessidades do estudante, garantindo que o suporte oferecido seja eficaz e alinhado com seus objetivos educacionais e pessoais.

A evolução da tecnologia tem proporcionado o desenvolvimento de dispositivos e ferramentas que criam novas possibilidades na educação, especialmente para situações de aprendizagem especiais. Recursos pedagógicos adaptados, como quebra-cabeças, jogos de numerais em madeira, e cadernos com recursos visuais, têm facilitado o aprendizado de

estudantes com necessidades especiais. Essas ferramentas são projetadas para serem de fácil execução e podem melhorar o desempenho nas atividades propostas, permitindo que os professores criem materiais personalizados de acordo com as necessidades dos estudantes.

Desde 2005, as políticas públicas têm incentivado a utilização da Língua de Sinais nos conteúdos curriculares em todos os níveis de educação. Isso tornou essencial a criação e implementação de projetos que garantam materiais didáticos acessíveis na Língua Brasileira de Sinais para estudantes Surdos, incluindo os autistas. Após a implementação da Lei de Libras (Lei nº 10.436, de 2002), um dos principais desafios da educação para surdos tem sido a produção de materiais didáticos e paradidáticos acessíveis. A experiência em escolas com estudantes surdos revela uma lacuna significativa nessa área, onde o preenchimento dessas necessidades é frequentemente feito com grande investimento em recursos humanos e tecnológicos, mas com produção limitada e pouco compartilhada.

De acordo com a Lei nº 13.146 de 2015, que assegura o direito ao uso de tecnologia assistiva e recursos que promovam a autonomia e inclusão social das pessoas com deficiência, os critérios de acessibilidade didática para Surdos autistas ainda estão longe de ser adequadamente atendidos. As escolas frequentemente enfrentam dificuldades para oferecer materiais que permitam aos estudantes desenvolver autonomia, enquanto os professores precisam de apoio para adaptar suas práticas às necessidades específicas desses estudantes, priorizando o acesso a tecnologias e recursos adequados.

Considerações Finais

A figura do professor é fundamental para a formação integral do estudante, atuando como o principal agente no processo de ensino. Portanto, é essencial valorizar o conhecimento e as habilidades dos docentes. Segundo Tardif (2002), o conjunto de saberes que caracteriza e personaliza a prática docente é desenvolvido ao longo de toda a formação e carreira do professor, sendo continuamente elaborado e ajustado. Para os professores que lecionam para estudantes surdos, é crucial reconhecer e atender às singularidades linguísticas desses estudantes, utilizando práticas pedagógicas adequadas, recursos variados e promovendo o uso da Língua de Sinais.

Quando um professor não possui a formação necessária para ensinar estudantes surdos, o ensino pode se tornar vago ou confuso, destacando a importância de uma formação adequada para atender às necessidades dos estudantes. Vitaliano (2002, p. 60) observa que, atualmente, a formação de professores para a Educação Especial frequentemente se concentra na formação

geral, em vez de uma especialização específica em Educação Especial. Skliar (2006) argumenta que a formação docente deve transcender o conhecimento científico, priorizando a experiência, ética e responsabilidade para com o estudante. Silva (2009) também enfatiza a necessidade de orientação contínua para os professores, pois a falta de conhecimento sobre transtornos autísticos pode impedir a correta identificação das necessidades dos estudantes.

Esta pesquisa evidencia a necessidade de um olhar especializado para os estudantes surdos autistas. Primeiramente, a falta de informações sobre essas crianças e a forma como são classificadas nas escolas regulares revela a necessidade de uma abordagem diferenciada. Em segundo lugar, é fundamental expandir as pesquisas na área para melhor compreender e contribuir para o desenvolvimento desses estudantes.

De acordo com Dazzani (2010), é crucial adotar uma visão sistêmica da inclusão, que não sobrecarregue o professor com a responsabilidade pelas dificuldades enfrentadas. Assim, é urgente a criação de instrumentos e recursos pedagógicos que facilitem a prática diária dos docentes. Pesquisas sobre surdez necessitam de mais apoio para que o trabalho pedagógico seja orientado e fundamentado por políticas públicas que atendam às necessidades desses estudantes.

A pesquisa enfatiza que é importante ampliar o contexto de investigação para um registro efetivo dos Surdos autistas no ambiente escolar. A falta de políticas públicas específicas para esse grupo é um obstáculo significativo para a comunicação e o desenvolvimento desses estudantes, resultando no afastamento do meio escolar e social. Os educadores devem lembrar que crianças com necessidades específicas têm o direito ao acesso e à permanência na educação, conforme os artigos 205 e 208 da Constituição Brasileira. No entanto, as dificuldades enfrentadas muitas vezes impedem essa permanência.

Ampliar as pesquisas poderia facilitar não apenas o trabalho dos professores, mas também apoiar pais e outros envolvidos no desenvolvimento da criança, proporcionando uma visão capacitada e recursos didáticos adequados. Isso permitiria o compartilhamento de materiais e informações, promovendo um desenvolvimento mais eficaz para os surdos autistas e uma compreensão mais profunda de suas necessidades em relação ao ensino de Libras e Português escrito. A implementação de políticas públicas que forneçam informações sobre essas crianças e suas necessidades poderia orientar pesquisadores na elaboração de estudos que destacam suas capacidades e exigências educacionais. Dessa forma, ao "olharmos" atentamente para essas crianças, poderemos contribuir efetivamente para seu desenvolvimento e aprendizagem.

Referências

- Bastos, C. R. B. (2024). Artes manuais como metodologia para o desenvolvimento do surdo autista na cidade de Fortaleza-Ce. *Avanços & Olhares-Revista Acadêmica Multitemática do IESA*, (10).
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70, Brazil.
- Bosa, C., & Baptista, C. R. (2002). *Autismo e educação: Reflexões e proposta de intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Botelho, P. (2002). *Linguagem e letramento na educação dos surdos: Ideologias e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Brasil. (2021). Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos*.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14191.htm
- Brasil. (2002). Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e outras providências. Brasília.
<https://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/110.456.htm>
- Brasil. (2015). Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. *Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)*. Brasília.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm
- Brasil. (2010). *Sistema Braille para cegos e surdocegos*. Brasília: MEC/SEESP,
- Brasil. (2005). Lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. *Regulamenta a Lei nº 10.463, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Brasília.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm
- Carrisquillo, A. L. (1990). The education of deaf children: A review of the literature. *Journal of Special Education*, 24(4), 263-279.
- Castro Júnior, G. de. (2011). *A educação de surdos no Distrito Federal: Perspectiva de política da inclusão* [Monografia de graduação, Universidade de Brasília].
- Cloud, N. (1988). *ESL in special education*. ERIC Clearinghouse on Language and Linguistics. ERIC Digest No. ED303044.
- Dazzani, M. V. M. (2010). A psicologia escolar e a educação inclusiva: Uma leitura crítica. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(2), 293–302.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200011>
- Gauderer, E. C., & Praça, E. T. P. O. (1987). Uma reflexão acerca da inclusão de aluno autista no ensino regular.

- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista de Administração de Empresas*, 35(2), 57-63.
- Goffman, E. (1963). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Kanner, L. (1943). Autistic disturbances of affective contact. *Nervous Child*, 2(3), 217-250.
- Lacerda, C. B. F. D., & Lodi, A. C. B. (2006). O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais. *Temas sobre desenvolvimento*, 15(85-86), 45-53.
- Lane, H. (1997). *A máscara da benevolência: Desativando a comunidade surda* (M. L. G. Pallares-Burke, Trad.). São Paulo: Editora UNESP.
- Lopes, R. A., & de Matos, C. G. (2023). Perfil de professores de alunos surdos com autismo em espaços escolares bilíngues. *Communitas*, 7(17), 238-250.
- Lopes, R. A., Amato, C. A. de L. H., Moura, M. C. de, & Ribeiro, A. de F. (2021). Senso de autoeficácia de professores de alunos com autismo surdos em escolas bilíngues. *Revista Sinalizar*, 6. <https://doi.org/10.5216/rs.v6.68067>
<https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/68067>
- Machado, P. C. (2008). *A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Perlin, G. (2004). O lugar da cultura surda. In A. da S. Thoma & M. C. Lopes (Orgs.), *A invenção da surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Rodrigues, D. (2010). Educação Especial e Inclusiva em Portugal: Factos e Opções. *Revista Educación Inclusiva*, 3, 97-109.
- Santana, N. G. (2024). *Ensino de Libras e polarização docente: Um estudo sobre os posicionamentos dos professores na perspectiva da análise crítica do discurso* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe]. São Cristóvão, SE.
- Santos, A. M. T. (2008). *Autismo: Um desafio na alfabetização e no convívio escolar*. São Paulo: CRDA.
- Silva, R. M. D. (2018). *A inclusão de crianças autista na educação infantil e a preparação adequada dos professores para trabalhar o desenvolvimento deste aluno*. [Trabalho de Conclusão de Curso, UNIFAAT]. São Paulo, SP.
- Skliar, C. (2006). Introdução – abordagens socioantropológicas em educação especial. In C. Skliar (Org.), *Educação & exclusão: Abordagens socioantropológicas em educação especial* (5ª ed., pp. 7-20). Porto Alegre: Mediação.

- Strobel, K. (2009). *A história da educação de surdos* [Monografia de graduação, Universidade Federal de Santa Catarina]. Florianópolis.
- Vitaliano, C. R. (2002). *Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre o processo de integração de alunos especiais e a formação de professores*. [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências]. Marília.
- Vitaliano, C. R.; Manzini, E. J. (2010). A formação inicial de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. In Vitaliano, C. R. (Org.). *Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais*. Londrina: Eduel.
- Tardif, M. (2002). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Tavares, I. M. S., & Carvalho, T. S. S. (2010). Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais): Do texto oficial ao contexto. In *V EPEAL - Pesquisa em Educação: Desenvolvimento, ética e responsabilidade social*. Maceió.